

Introdução Sinfónica

Pelos tenebrosos recantos do meu cérebro, acorados e nus, dormem os extravagantes filhos da minha fantasia, esperando em silêncio que a arte os vista da palavra para se poder apresentar decentes na cena do mundo.

Fecunda, como o leito de amor da miséria, e parecida com esses pais que engendram mais filhos que os que podem alimentar, a minha musa concebe e pare no misterioso santuário da cabeça, povoando-a de criações inúmeras, às quais nem a minha actividade nem todos os anos que me restam de vida seriam suficientes para dar forma.

E aqui dentro, nus e disformes, revoltos e baralhados em indescritível confusão, sinto-os às vezes agitar-se e viver com uma vida obscura e estranha, semelhante à dessas miríades de germes que fervem e estremecem numa eterna incubação dentro das entranhas da terra, sem encontrar forças bastantes para vir à superfície e converter-se, mediante o beijo do sol, em flores e frutos.

Comigo vão, destinados a morrer comigo, sem que deles fique outro rastro que o que deixa um sonho da meia-noite que de manhã não pode recordar-se. Em algumas ocasiões e diante desta ideia terrível, revolta-se neles o instinto da vida, e, agitando-se em terrível, embora silencioso tumulto, buscam em tropel por onde sair para a luz, das trevas em que vivem. Mas, aí, que entre o mundo da ideia e o da forma existe um abismo que só a palavra pode ultrapassar, e a palavra tímida e preguiçosa nega-se a secundar os seus esforços! Mu-

dos, sombrios e impotentes, depois de uma luta inútil voltam a cair no seu antigo marasmo. Assim caem inertes nos sulcos das sendas, se o vento cai, as folhas amarelas que o remoinho fez levantar.

Estas sedições dos rebeldes filhos da imaginação explicam algumas das minhas febres; elas são a causa, desconhecida para a ciência, das minhas exaltações e dos meus abatimentos. E assim, embora mal, tenho vivido até aqui, passeando entre a indiferente multidão desta silenciosa tempestade da minha cabeça. Assim, tenho vivido; mas todas as coisas têm um termo e a estas há que pôr-lhes fim.

A insónia e a fantasia continuam e continuam a procriar, num monstruoso conúbio. As suas criações, apertadas já, como as raquíticas plantas de um viveiros, pugnam por dilatar a sua fantástica existência, disputando umas às outras os átomos da memória, como o escasso suco de uma terra estéril. Necessário é abrir passagem às águas profundas, que acabarão por romper o dique, aumentadas diariamente por um manancial vivo.

Andai, pois!, andai e vivei com a única vida que posso dar-vos. A minha inteligência nutrir-vos-á o suficiente para que sejais palpáveis. Vestir-vos-á, mesmo que seja de farrapos, o bastante para que não vos envergonhe a vossa nudez. Gostaria de forjar para cada um de vós uma maravilhosa estrofe, tecida de fases raras, nas quais vos pudésseis envolver com orgulho, como num manto de púrpura. Gostaria de poder cinzelar a forma que há-de conter-vos, como se cinzela o vaso de ouro que há-de guardar um precioso perfume. Mas é impossível!

Contudo, preciso de descansar; preciso, do mesmo modo que se sangra o corpo, por cujas inchadas veias o sangue se precipita com um impulso demasiado forte, aliviar o cérebro, insuficiente para conter tantos absurdos.

Ficai, pois, registados aqui, como a estela nebulosa que assinala a passagem de um cometa desconhecido, como os

átomos dispersos de um mundo em embrião que lança ao ar a morte antes que o seu Criador tenha podido pronunciar o *fiat lux* que separa a claridade das sombras.

Não quero que nas minhas noites de insónia volteis a passar diante de meus olhos em extravagante procissão, pedindo-me com esgares e contorções que vos arranque para a vida dessa realidade do limbo em que viveis, semelhantes a fantasmas sem consistência. Não quero que ao quebrar-se esta harpa velha e rachada já, se percam, ao mesmo tempo que o instrumento, as notas ignoradas que continha. Desejo ocupar-me um pouco do mundo que me rodeia, podendo, quando vazio, afastar os olhos deste outro mundo que levo na cabeça. O sentido comum, que é barreira dos sonhos, começa a fraquejar e as gentes de diversos campos misturam-se e confundem-se. Atormento-me para saber que coisas sonhei e as que me aconteceram; os meus afectos repartem-se entre fantasmas da imaginação e personagens reais; a minha memória classifica nomes revoltos e datas de mulheres e dias que morreram ou passaram com os de dias e mulheres que não existiram senão na minha mente. Preciso de acabar por expulsar-vos da minha cabeça de uma vez para sempre.

Se morrer é dormir, quero dormir em paz na noite da morte sem que venhais ser o meu pesadelo, maldizendo-me por vos ter condenado ao nada antes de terdes nascido. Ide, pois, para o mundo a cujo contacto fostes engendrados, e ficai nele como o eco que encontraram numa alma que passou pela terra, suas alegrias e suas dores, suas esperanças e suas lutas.

Talvez muito em breve eu tenha de fazer a mala para a grande viagem; de um momento para o outro o espírito pode separar-se da matéria para elevar-se a regiões mais puras. Não quero, quando isto suceder, levar comigo, como a berante bagagem de um saltimbanco, o tesouro de ouropéis e farrapos que a fantasia foi acumulando nos sótãos do cérebro.

I

Yo sé un himno gigante y extraño
que anuncia en la noche del alma una aurora,
y estas páginas son de ese himno
cadencias que el aire dilata en las sombras.

Yo quisiera escribirle, del hombre
domando el rebelde, mezquino idioma,
con palabras que fuesen a un tiempo
suspiros y risas, colores y notas.

Pero en vano es luchar; que no hay cifra
capaz de encerrarle, y apenas ¡oh hermosa!
si teniendo en mis manos las tuyas
pudiera, al oído, cantártelo a solas.

II

Saeta que voladora
cruza, arrojada al azar,
y que no se sabe dónde
temblando se clavará;

hoja que del árbol seca
arrebata el vendaval,
sin que nadie acierte el surco
donde al polvo volverá;

I

Eu sei um hino gigantesco e estranho
que na noite da alma anuncia uma aurora,
e estas páginas são desse hino
cadências que o vento dilata nas sombras.

Eu quisera escrevê-lo, do homem
domando o rebelde, mesquinho idioma,
com palavras que ao mesmo tempo fossem
suspiros e risos, matizes e notas

Mas em vão é lutar, pois não há cifra
para encerrá-lo e só quando, ó formosa,
em minhas mãos eu retivesse as tuas
cantar-to podia ao ouvido, a sós.

II

Seta que voando passa
arremessada ao azar,
e que nunca se sabe onde
a tremer se cravará;

folha que da árvore seca
arrebata o vendaval,
sem que alguém acerte o sulco
onde ao pó regressará;